Genética na Escola – ISSN: 1980-3540

Em nome da ciência?
O documentário sobre trigêmeos separados numa pesquisa sobre genes e ambiente

Dirigido por Tim Wardle, o documentário *Três Estranhos Idênticos* (2018) começa como uma improvável história de reencontro entre irmãos idênticos separados ao nascer. A surpresa logo dá lugar ao incômodo, à medida que a obra revela camadas mais obscuras da narrativa. A descoberta, nos anos 1980, de que Robert Shafran, Edward Galland e David Kellman eram trigêmeos separados pela agência de adoção *Louise Wise Services* é apenas a porta de entrada para um enredo que envolve experimentação científica, sigilo institucional e sofrimento humano.

A produção se apoia fortemente na montagem dramática (com trilha sonora densa, imagens de arquivo e encenações) para conduzir o público da euforia ao mal-estar. A narrativa captura a atenção, mas seu tom conspiratório e a simplificação de aspectos científicos podem limitar seu potencial reflexivo. O documentário expõe que os irmãos, como outros gêmeos separados, foram envolvidos em um estudo secreto conduzido pelo psiquiatra Peter Neubauer. O objetivo seria responder à dicotomia vigente nos anos 1960 entre hereditariedade e criação.

Segundo a obra, crianças foram intencionalmente alocadas em famílias com perfis socioeconômicos distintos, sem transparência, sem o consentimento de adotantes e, até o lançamento do documentário, sem acesso pleno aos dados gerados na pesquisa. A ausência de um debate mais profundo sobre o contexto histórico e científico do estudo deixa lacunas na produção. A narrativa sugere más intenções, mas não problematiza suficientemente as políticas públicas que permitiram os experimentos nem a responsabilidade institucional que os mantiveram.

Apesar disso, o documentário contribui para provocar reflexões sobre ética na pesquisa. O caso exposto mostra danos emocionais palpáveis e duradouros nos participantes. Assim, pode ser útil a partir do ensino médio (classificação para maiores de 14 anos) para discutir temas como bioética, hereditariedade e ambiente no desenvolvimento humano, genética comportamental e construção de identidade. Em debates mediados sobre a natureza do fazer científico, pode estimular reflexões sobre como o conhecimento é produzido, quem decide os temas de pesquisa e quais os limites éticos envolvidos. Perguntas do tipo "como o caso dos trigêmeos pode ilustrar a interação entre genes e ambiente no desenvolvimento humano?", "os fins justificam os meios em ciência?" ou "é possível separar ciência e valores?" podem enriquecer discussões em sala. Nessa perspectiva, o documentário pode ser usado em projetos interdisciplinares entre Biologia, Filosofia, Sociologia e até Artes.

Nathália Helena Azevedo
Professora doutora da área de Ensino no Departamento de Genética e Biologia Evolutiva do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo; Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências da USP (PIEC-USP)
Autor para correspondência – nhazevedo@ib.usp.br

Palavras-chave: bioética, gêmeos, identidade, natureza da ciência, valores

Genética na Escola – ISSN: 1980-3540



Por outro lado, o documentário reforça estereótipos de cientistas frios e isolados da sociedade. A narrativa suprime nuances importantes das contradições das práticas científicas, desumanizando tanto o pesquisador quanto o processo de pesquisa, como: Seria justificável ocultar informações em nome da integridade metodológica? A hierarquia da pesquisa pode afastar cientistas das consequências de seus atos? Quem "pode" ser objeto de estudo e por quê? Como evitar viés estrutural na amostragem científica? Até onde vai a responsabilidade institucional de abrir dados, mesmo de estudos eticamente questionáveis? Uma abordagem mais contextualizada, com mais vozes críticas, teria enriquecido o debate.

No fim, o documentário parece eficaz como peça de denúncia e drama humano, mas deixa um vácuo ao não explorar com mais profundidade o entrelaçamento entre ciência e sociedade. Fica evidente que a ciência não é neutra e que seus erros, quando não reconhecidos, perpetuam feridas. Apesar das lacunas, a obra abre espaços para discussões raramente presentes em salas de aula e na mídia: a ética na ciência, os custos do conhecimento e a clássica dicotomia entre natureza e cultura.

